

Conteúdo midiático na literatura de cordel: informação e opinião nos folhetos de acontecido

Gislene Carvalho

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

mgisacarvalho@gmail.com

Resumo: A literatura de cordel, uma manifestação cultural bastante difundida no Nordeste do Brasil, é muito mais do que uma literatura de entretenimento. Além dos folhetos com histórias engraçadas, biografias de pessoas consideradas importantes para o imaginário local, há a presença de informação e de opinião, interpretação de fatos, críticas sociais etc. Os folhetos de cordel brasileiros, por seus usos e características, podem ser considerados um tipo de mídia popular e alternativa. Podemos comprovar isso a partir da aplicação das teorias da comunicação midiática aos estudos dos folhetos, seja a partir do suporte, do conteúdo ou dos estudos de recepção. Neste trabalho, nosso objetivo é identificar nas características dos cordéis os elementos que nos permitem pensá-los como veículos de comunicação midiática.

Palavras-chave: Conteúdo midiático, mídia alternativa, cordel

1. Introdução

Diante do alcance dos cordéis, seja por seu formato leve ou linguagem acessível aos mais diversos públicos, os discursos que eles carregam são muito úteis na manutenção das tradições e imaginário popular, através do registro da memória, da repercussão de lendas e mitos e da fixação de características nas personalidades dos protagonistas dos folhetos. Neste trabalho, realizamos uma análise que busca o cordel ao exercer função informativa e de formador de opinião dentro de uma comunidade, a partir do momento em que ele se utiliza do real, transforma-o em poesia e atribui ao texto juízo de valor.

Os cordéis refletem a forma como os poetas do povo encaram a realidade, a partir dos fatos apresentados pela mídia, mas também, a partir dos relatos orais que contam, especialmente, a história sertaneja. Num misto entre passado e presente, antigo e atual, rural e urbano, o cordel traz a forma popular de encarar a realidade, acrescida de suas opiniões e transformada em poesia. Isso é feito pela linguagem, pelos discursos construídos por ela e que fazem com que um fato torne-se de conhecimento público. O que leva os receptores a considerarem tal discurso é a credibilidade da mídia utilizada, a relação de afeto que se cria com ela. A literatura de cordel tem credibilidade diante de seus leitores. O cordelista é um líder de opinião, mediador, que faz interpretações nos textos que trabalha.

Neste artigo, utilizamos as reflexões de Lemaire (2008) sobre os folhetos e sua relação com a oralidade, o que mostra que a função primeira dos folhetos é a de difundir informações acrescidas da opinião do poeta. São os folhetos chamados “de acontecido” por Diégues (1986), por se referirem a notícias que foram veiculadas em outras mídias e foram apropriados pelos cordelistas, que são inicialmente receptores, em seguida emissores de uma informação ressignificada a partir de sua ótica, conforme sugere a teoria da Folkcomunicação.

Através desta análise, então, percebemos os elementos relacionados ao conteúdo que integram os folhetos como mídia capaz de produzir sentido, de construir realidades, de atuar na manutenção das tradições, de servir como mediação entre mídia de massa e povo e mesmo de fazer o caminho contrário, ao pautar os veículos de comunicação de massa. Assim, é possível visualizarmos, a partir do conteúdo, elementos que nos permitam entender os folhetos de cordel como mídia.

2. Versos de cordel: a poesia da vida cotidiana

O estudo das mídias passa por uma série de categorias. Podemos investigar seus usos, atribuições, funções sociais etc., de diversos modos e a partir de diversas óticas. Os recortes para o estudo das mídias passam pela emissão, suporte, conteúdo, discurso, mediação, recepção, enfim. Trata-se de uma área ampla de conhecimento e com uma infinidade de possibilidades de investigação. Neste trabalho estudamos o cordel dentro da ótica da comunicação, compreendendo o folheto como suporte do conteúdo midiático presente nos versos, dentre suas diversas formas de apresentação.

Mas não é apenas o suporte (folheto) que define a característica midiática dos cordéis. Mais do que uma questão de forma, encontramos também no conteúdo uma manifestação típica dos veículos midiáticos: a transmissão de informação. Os acontecimentos que são considerados relevantes para a sociedade são midiaticizados e viram notícia. Fatos extraordinários, os chamados *fait-divers*, além de assuntos relacionados à política, à economia, à segurança pública, entretenimento são veiculados na mídia de massa, segundo padrões estabelecidos pelas linhas editoriais de cada programa de rádio ou televisão, cada editoria de jornal ou revista, de cada página na Internet, das ideias de cada poeta de cordel.

A literatura de cordel mescla elementos das diversas tradições que passaram pelo Nordeste. Tem uma concepção original de criação coletiva, pois une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. O cordel representa uma poesia que tem base na voz, na oralidade, e apresenta-se impressa em folhetos quando, de acordo com Abreu (1999), os poetas se apropriam dos recursos disponíveis, no caso, as tipografias. Nesse formato, a poesia se movimenta com maior facilidade e é capaz de propagar ainda mais um caso. “Imagem, texto e som presentes no universo do cordel integram sua identidade.” (ABREU, 1999, p.23).

A oralidade é base para a composição da poesia de cordel. Suas rimas, métrica e ritmo são pensados para serem declamados e são parte de um recurso muito mais que estético, mas que está ligada à memória do poeta, para facilitar a declamação. Zumthor (2010) define como oral “toda comunicação poética em que, pelo menos, transmissão e recepção passem pela voz e pelo ouvido.” (ZUMTHOR, 2010, p. 32). E uma série de características integram a forma e o conteúdo desta poética que antecede a cultura scriptocêntrica, mas que une-se a ela para oferecer permanência espaço-temporal às suas mensagens.

O conteúdo da poesia oral não tem o objetivo único de entreter, mas faz parte da memória coletiva, atua na manutenção de tradições, transmite mensagens, comunica, informa, opina.

Mostra a individualidade do poeta dentro de sua cultura, inserido socialmente em uma comunidade, poetizando e compartilhando os elementos culturais que a compõem.

Marcadamente conotativo, ligado a todos os jogos de linguagem cuja combinação forma o vínculo social, ele deve sua legitimidade e sua força persuasiva muito mais ao testemunho que constitui do que ao que expõe, de modo que o critério de verdade desaparece em benefício de um outro muito mais fluido: a comunicação é memória dócil, flexível, maleável, nômade e (graças a presença dos corpos) globalizadora. (ZUMTHOR, 2010, p. 34)

Com o surgimento das técnicas de impressão, a poesia oral encontra uma forma de fixar-se no tempo e no espaço. Acontece uma mudança de mídias: a voz deixa de ser transmitida apenas pelo corpo humano e passa a ser registrada e difundida pelo papel, pelo folheto. “Ele está cada vez mais relacionado com a diversidade das mídias, convivendo com novas formas de consumo cultural, propiciadas pelas tecnologias do disponível e do descartável.” (SANTOS, 2010, p. 52)

A poesia da voz, impressa, de fluida, torna-se fixa. A partir dela, o verso não é mais ouvido, ele passa a ler olhado, lido. Através da escrita, cumprem-se todas as fases do poema mencionados por Zumthor (2010): produção, transmissão, recepção, conservação e repetição. Para o autor, a escritura não significa apenas uma transcrição da oralidade. Trata-se de outro tipo de mediação que, por vezes, são combinadas, como no caso dos folhetos de cordel. Com a prática da escrita, a poesia

passa a ser uma história que tem começo, meio e fim. Já não é como na cantoria que pode se prolongar e passar semanas a fio tecendo sua existência. No folheto, o tempo da leitura está determinado, o tempo muda, implica em leitura, o que já se refere a uma outra problemática, que tem a ver com um receptor que pode estar em vários locais diferentes para essa leitura. São outros espaços sociais. O que é lido em silêncio não é composto naquele instante, *hic et nunc* (aqui e agora), como a cantoria; ele está em uma outra temporalidade. (SANTOS, 2010, p. 47)

A poesia oral segue uma série de especificidades linguísticas que encontramos nos folhetos e que nos permitem assegurar que o folheto é a apropriação dos equipamentos técnicos de impressão pela voz, como forma tornar os versos um produto comercializável e produtor de lucros, dando aos poetas a possibilidade de se sustentarem através da produção, edição e venda de sua poesia. “Sentimos intensamente que uma voz vibrava originalmente em sua escritura e que eles exigem ser pronunciados.” (ZUMTHOR, 2010, p. 39)

A poesia escrita do cordel não surge sozinha. Ela não é escrita para ser cantada. Ela é cantada para ser escrita. Para Zumthor (2010), as poesias oral e escrita usam a mesma linguagem, as mesmas regras, mas diferenciam-se principalmente por questões sensoriais. No caso dos

folhetos de cordel, nem mesmo o fato de ser explorado pelo uso da visão é suficiente para separá-los da poesia oral. Voz e versos de cordel estão unidos em sua essência. Lemaire (2008) situa os folhetos de cordel como um capítulo da história das tecnologias da informação e da comunicação e afirma que o cordel é “uma produção artística da voz humana, cujo objetivo principal é a transmissão do conhecimento e da verdade.” (LEMAIRE, 2008, p. 9)

Assim, a voz que cantava as notícias portadas pelos violeiros, repentistas e tantos outros artistas que transmitiam informação através da poesia oral passa a ser impressa nos folhetos. A apropriação dos recursos disponíveis para a impressão foram muito bem utilizados pelos poetas que passariam a poder vender suas informações inalteráveis e reproduzíveis pelo processo da escrita.

As tecnologias da informação com o passar de suas evoluções vão sendo apropriadas pelos poetas. Da voz para o papel, atualmente para as redes de computadores. Os poetas utilizam os diversos meios disponíveis para midiaticizar seus conteúdos, sejam eles de informação, de entretenimento, de conhecimento, ou mesmo como uma forma de divulgação de sua arte.

Mas que conteúdos são esses que são veiculados seja pela poesia da voz, pelos folhetos ou pelo cordel dito digital que fazem destes veículos midiáticos, que podem ser estudados a partir das mesmas teorias nas quais se inserem a televisão, o rádio, os jornais e as revistas? O que faz um conteúdo ser considerado midiático? Qual a linha que separa a ficção da realidade?

Estas perguntas dão margem a diversas discussões que envolvem conceito de mídia, de midiaticização, de realidade e de ficção, de notícia e até mesmo de literatura. E todos estes conceitos são escorregadios, cheios de interpretações que podem ser feitas e combinadas de modo que se complementem ou se neguem mutuamente, como se fossem contraditórias. Mas neste trabalho compreendemos que ficção e realidade se complementam, e que mesmo conteúdos que possam parecer apenas literários estão carregados de informações sobre o cotidiano e o imaginário. Que atuam na manutenção de tradições, que refletem hábitos e comportamentos, que apresentam opiniões.

Conteúdos midiáticos são aqueles que são considerados por seus produtores como de relevância pública. Esta interpretação pode variar de acordo com cada veículo, empresa, produtor, público etc. No caso dos folhetos, seu conteúdo, que trata de assuntos da realidade tocante ao poeta, é midiaticizado nas páginas do cordel, em forma de poesia que circula e leva informações sobre esta realidade aos locais mais distantes. Os fatos que são considerados relevantes para o poeta viram poesia, acrescidas de sua subjetividade e opinião. O nível de subjetividade atribuída é que faz com que o conteúdo mais se aproxime da literatura ou do jornalismo. Mas é sempre informação, conhecimento, cotidiano, memória, imaginário e tradição.

Para Kunz (2001) os versos são um testemunho que apresentam a realidade em que vivem os poetas. Eles tornam-se porta-vozes daqueles a quem a linguagem escrita permanece

inacessível. O leitor não é o agente passivo, receptor neutro de um produto final, mas é um elemento ativo de uma produção de sentido que não lhe é estranha. Ele exerce a função de coautor, colaborador, pois autor e leitor estão juntos no processo de criação de uma cantoria.

Os folhetos possuem uma mobilização criadora de sentidos e significados. Perpetuam tradições. Possuem uma voz plural, pois trata-se de uma literatura do povo, uma produção coletiva, criada por inúmeros interlocutores, inúmeras vozes que, juntas, compõem uma obra. É a transmissão de saber e de conhecimento pela voz do poeta, recebida e transmitida pelos ouvintes.

Aos verbos *cantar* e *contar*, utilizados para a produção da poesia, corresponde, do lado da comunidade receptora da mensagem, uma combinação fixa de dois verbos que se pode considerar um tópico: *ver e ouvir*. O público é visto como testemunha ocular e auricular da verdade transmitida e, por sua vez, ao re-contar (repetir, reproduzir) o que "viu e ouviu", divulgará a memória da comunidade, transformará o saber em tradição. (LEMAIRE, 2007, p. 06)

A seleção do que vai ou não virar notícia é feita, nos veículos de comunicação de massa seguindo os chamados critérios de noticiabilidade. Segundo Wolf (2012), o objetivo dos veículos de comunicação é fornecer à sociedade relatos de acontecimentos significativos. Porém, isso não é uma escolha fácil, pois a realidade cotidiana é constituída por uma infinidade de acontecimentos, e nem todos eles são considerados relevantes pela mídia de massa. Este processo de escolha, junto ao modo de produção da notícia e às rotinas da prática jornalística, refere-se ao newsmaking, que será tratado mais adiante como a função da mídia na construção social da realidade. Aqui, elencamos apenas as características que, segundo Wolf (2012), levam um acontecimento cotidiano a ser midiaticizado. Chamamos de noticiabilidade a capacidade que um acontecimento possui de virar notícia.

A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2012, p. 196)

Como portadores de notícias, inicialmente os folhetos serviam de 'jornais do sertão'. Os cantadores, que viajavam muito em apresentações levavam aos lugares as histórias que circulavam nas demais localidades por onde passavam. A notícia era veiculada pela voz dos poetas. Com o acesso dos poetas às máquinas impressoras, aos poucos essas notícias iam chegando na forma impressa, mas ainda em poesia. Notícias, por exemplo, do que acontecia nas romarias em Juazeiro do Norte eram muito comuns. Tanto que Padre Cícero, figura marcante da região, está entre os personagens que mais aparecem nos folhetos, ao lado de Getúlio Vargas, Lampião, Frei Damião e Lula.

A preocupação do poeta é mostrar a própria realidade, o seu cotidiano, não necessariamente seguir padrões do exercício jornalístico de apuração, como a prática básica de dar voz a todos os lados de um fato. O poeta conta os fatos de acordo com a própria opinião e de acordo com as interferências que aquele fato tem em sua vida ou em sua comunidade. É a ótica do poeta que vemos apresentada.

Os temas que aparecem na literatura de cordel são adaptados ao meio onde eles circulam, ao sentimento do grupo ao qual o intérprete faz parte e sobre assuntos que são considerados relevantes, independente de onde tenham acontecido. Tratam de temas como piadas (chistes), acontecimentos, biografias, mitos, romances, acontecidos fantásticos. Interpretam os acontecimentos, contam a vida de personagens ilustres, analisam as notícias, fazem crítica social, divulgam idéias... Representando a voz do sertanejo, o poeta do cordel se torna uma espécie de jornalista popular.

O que chega ao conhecimento poeta e que ele interpreta como importante, ele interpreta e transforma em poesia. Falam de temas como a morte de Getúlio Vargas e Tancredo Neves, enchentes, doenças, questões ambientais... Temas de relevância pública que o poeta interpreta e escreve, exercendo assim uma de suas diversas funções, que é a de informar.

Em 21 de abril
O dia de Tiradentes
A Pátria caiu no pranto
Porque as rádios dolentes
Gemeram em notícias breves
Faleceu Tancredo Neves
O melhor dos presidentes¹

Os ciclos temáticos dos folhetos de repercussão social defendidos por Diegues, 1986, caracterizam-se por trazer uma expressão social e por conteúdos que repercutem dentre os leitores.

Teus olhos demonstram a dor, a tristeza
Miséria, pobreza
E cruéis privações
E enquanto essas dores tu vive penando
Vão ricos roubando
Milhões e milhões

Garoto eu desejo que em vez deste inferno
Tu tenhas caderno
Também professor
Menino de rua de ti não me esqueço

¹ “Adeus, Tancredo!” – Crispiniano Neto. 1985

E aqui te ofereço
Meu canto de dor²

“Multifacetada, é sua diversidade que seduz.” (KUNZ, 2001, p.61) Poetas fazem crítica social quando expressam opiniões ao relatar fatos, sejam eles reais ou imaginários. A crítica social, presente nos cordéis, é a forma de expressão da opinião dos cordelistas, que refletem as insatisfações do povo com alguns elementos de sua realidade. A exemplo: a imagem do nordestino, especialmente dos tipos sociais vistos com desprezo, como o flagelado, o retirante pau-de-arara, o fanático religioso, dentre outros. É ainda nos cordéis de crítica social que se retrata o inconformismo popular diante das desigualdades sociais. “Denuncia a realidade vivida porque enuncia a realidade sonhada” (KUNZ, 2001, p.62).

Em consequência de uma seca horrível
Para São Paulo o nordestino vai
Leva no peito uma lembrança incrível
Da boa terra onde morreu seu pai
(...)
E passa a vida sem gozar sossego
Sem esquecer o se torrão natal,
Com salário de um mesquinho emprego
Sua família vai passando mal.³

O cordel opõe à realidade um combate “dado no modo imaginário e cujas armas são a utopia, o mito, a lenda, o milagre...”. (KUNZ, 2001, p.62) Para que haja esse combate é preciso que sejam explorados a memória e o imaginário coletivos. “Todos eles, santos e dragões, fazendeiros e cangaceiros, amantes e vaqueiros, boi encantado e pássaro de ferro, atravessam o sertão, cruzando fronteiras indecifráveis entre real e irreal.” (KUNZ, 2001, p.63)

Os poetas transmitem as informações que lhe foram passadas pelos seus conhecidos ou de que foram testemunha. As histórias vão de boca em boca, transformam-se em versos e em seguida são impressos em folhetos de cordel. Pela relação com o factual, com fatos a serem relatados, há uma certa pressa na impressão. O poeta conta sua própria história através das peripécias de seus personagens. É muito comum a existência de conflitos maniqueístas na literatura de cordel, ou seja, que apresentam uma luta do bem contra o mal. Por exemplo, nos cordéis estudados sobre o Presidente Lula, ele aparece como o bem que vai lutar contra males como a corrupção, a pobreza e a miséria.

Assim, a poesia que relata aspectos da realidade (re)construindo-a, é também ressignificada quando a palavra do cordel vira cantoria, expressada pelo ritmo de um corpo inteiro a se manifestar.

² “Menino de Rua” – Patativa do Assaré In: **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004

³ “O nordestino em São Paulo” – Patativa do Assaré In: **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004

No ultimo dia de maio
Em um domingo marcante
Partiu do Rio de Janeiro
Um avião muito possante
Que tinha como destino
Um país nobre e granfino
A frança, terra distante

O vôo 447
Decolou todo normal
Mas no Oceano Atlântico
Veio o desastre fatal
O avião desapareceu
Pois ninguém sobreviveu
No vôo internacional⁴

Os versos dos folhetos trazem a crítica do poeta popular. São manifestações carregadas de opiniões que traduzem a opinião do povo, mesmo que repleta das ideias do senso comum. A crítica social vem travestida na arte cordelista e, ao comentar os acontecimentos, forma opinião. Mas, nos cordéis, a informação que surge tem estética diferenciada da de outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular, muito mais do que um veículo prioritariamente noticioso.

De acordo com Manuel Diegues (1986), os cordéis mais abundantes são os de registros de fatos acontecidos. Os cordéis de acontecidos são aqueles que apresentam como ciclo temático principal fatos que mereceram atenção popular. São fatos que no Jornalismo obedecem a critérios de noticiabilidade e possuem valores notícia que os tornam relevantes, a ponto de serem noticiados. Tais fatos tornam-se recorrentes no cotidiano dos poetas, agendados⁵ pela mídia, e eles o transformam em folhetos. Os cordéis transformam-se em veículos de informação, atuando junto com o jornal, a televisão e o rádio, começando a perder espaço com a chegada destes últimos.

O cordel tem a função social de registrar os fatos e traduzi-los para a linguagem cotidiana daqueles que irão recebê-lo. Os assuntos devem despertar o interesse do público, ou ainda, ser de grande relevância nacional. São temas que envolvem figuras políticas importantes, ou celebridades, e ainda fatos marcantes para a história. De acordo com Luyten (1992), os

⁴ “O vôo 447 da Air France terminou em tragédia” – Chico Salvino, 2009

⁵ Trata-se da capacidade dos meios de comunicação de pautar os assuntos que irão circular na sociedade, além de influenciar as opiniões e as notícias que circulam também nos outros veículos. Estabelece uma relação entre a agenda da mídia e a dos receptores. HOHLFELDT, Antonio. 2001.

cordéis atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de locais específicos, que se entende como o sertão, ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações.

O cordel aproxima-se do jornalismo quando seu texto possui elementos como atualidade e a difusão coletiva. Os poetas apresentam e comentam os fatos, e distribuem os folhetos da forma que julgam interessar ao público. Fogem dos elementos periodicidade – a produção não se propõe a manter uma continuidade, nem de seguir os mesmos padrões das outras mídias que têm necessidade do “furo jornalístico” – e universalidade, pois sua linguagem se dirige a um público específico.

A regularidade na literatura de cordel e, principalmente nos folhetos de acontecidos, é um grande entrave. Nunca se sabe se haverá edições futuras. Mas Luyten sustenta a hipótese de que o poeta age como um líder de opinião⁶, baseando-se nos conceitos trabalhados por Paul Lazarsfeld. O cordelista seria responsável por “traduzir” uma determinada informação e difundir a opinião que será atribuída como coletiva. Ele vai interpretar os fatos do qual tomou conhecimento e transmitir sua opinião. Os cordelistas, mais que contar um fato, o comentam. Opinam, julgam, sentem o fato e os seus impactos. Ele não olha para o fato de fora, não pretende seguir a famigerada objetividade e imparcialidade jornalística. Ele se envolve. “O que mais importa é o comentário que o poeta faz diante do ocorrido” (LUYTEN, 1992, p. 62) Quando encontramos folhetos noticiosos, muito mais que informação, vemos a opinião do poeta ali retratada, apresentada e justificada pelos fatos. E o público leitor desses cordéis aceita a opinião, pois, muito comumente, compartilha dessas opiniões. O poeta dificilmente vai de encontro à ordem já estabelecida em sua comunidade. Os leitores confiam na informação interpretada pelo cordelista e ele se torna uma referência.

A compreensão dos poetas como mediadores nos leva a discussão da teoria da Folkcomunicação. Proposta por Luiz Beltrão e dedicada aos estudos das manifestações culturais populares, a teoria trata dos processos de comunicação populares a partir de dos símbolos e significados difundidos por essas manifestações. A teoria sugere que o povo não seja apenas parte de uma massa que recebe passivamente a mensagem, mas é também quem produz e emite. Os produtos estudados pela folkcomunicação constituem

o aparato comunicacional do povo, no qual as pessoas organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram informação, cultura, educação, lazer, recreio e estímulo e dão expansão aos seus pendores artísticos. (BREGUEZ, 2007, p. 114)

O povo deixa de ser somente consumidor e passa a produzir informação e entretenimento. “Uma dessas formas que o povo se utiliza para apresentar suas ideias e fazer suas críticas à

⁶ A teoria do fluxo de comunicação a dois níveis, de Paul Lazarsfeld (two-step flow of communication) apresenta a mediação que os líderes exercem entre os meios de comunicação e os outros indivíduos do grupo. O líder seria responsável por absorver as informações oferecidas pela mídia e levá-las a seus pares, dentro da comunidade onde circula. Ele faz o papel de formador de opinião. (WOLF, 1995)

sociedade oficial é a literatura de cordel”. (BREGUEZ, 2007, p. 115) Ao atuarem como agentes que se apropriam de um discurso e o ressignificam, facilitando seu acesso por pessoas de diferentes classes sociais e de variados graus de instrução, os poetas seriam mediadores da realidade, construindo um discurso que irá participar da construção do conhecimento e do imaginário daqueles que leem/ ouvem os versos.

As pesquisas de Beltrão que levaram ao conceito de folkcomunicação verificam que as formas de comunicação popular atuam de modo diferente, porém interligado com os meios de comunicação de massa, segundo Trigueiro (2008). E esta ligação se dá nos processos de mediação. E a mediação exercida pelos folhetos de cordel não está apenas na adaptação da linguagem jornalística para a linguagem poética, como se poderia pensar diante destas afirmações. Os cordelistas produzem seus próprios conteúdos quando os fatos lhes são próximos, opinam quando têm acesso a um fato pela mídia de massa e chegam a pautar outros veículos a partir dos causos que apresentam.

O poeta é, assim, produtor e mediador de diversos conteúdos midiáticos. O cordel é uma mídia não só pelo suporte, mas também pelo conteúdo socialmente relevante e significativo que difunde, pelos conhecimentos contidos nos versos, pela memória e tradição que o compõem e que são mantidos por ele. As várias faces dos folhetos nos permitem direcionarmos o olhar sobre este objeto a partir de cada área do conhecimento, sem necessariamente negar as demais. Basta um olhar mais aprofundado e poderemos perceber nos folhetos suas tantas formas de inserção social. Aqui, a discussão é midiática, e esta nos dá margem para muitas outras reflexões, que ficam para novos textos.

3. Considerações finais

O formato de poesia, a impressão, o tamanho da narração, a presença marcante das opiniões fazem do cordel uma fonte de informação. Os cordéis são responsáveis pela difusão e manutenção de mitos que permeiam o imaginário popular. Um elemento folclórico nordestino capaz de assegurar a manutenção de muitas tradições. Mas, são neles também que encontramos a forma popular de relatar fatos do cotidiano do povo. Numa espécie de jornalismo popular, o povo encontra no cordel espaço para a liberdade de expressão e opinião.

Os folhetos de cordel constroem imaginários, difundem estereótipos e fixam tradições, além de tantas outras funções sociais que consegue exercer. É importante analisar a construção que é feita a partir da linguagem, dos termos, das metáforas e dos causos contados.

O suporte é o folheto. O conteúdo é informação. Temos, então, um veículo midiático, conforme revisado com os diversos autores trabalhados neste capítulo. E como mídia, cujo conteúdo mescla realidade e ficção, trataremos no capítulo seguinte sobre a construção social de uma realidade pela linguagem dos folhetos, que produzem sentidos quando chegam à realidade e que nos fazem pensar em um personagem como sujeito real e no sujeito como personagem, confundindo os referentes a partir de um discurso que transita entre realidade cotidiana e os campos finitos de significação.

Mas como um discurso midiático é capaz deste tipo de construção? Como a linguagem dos folhetos é utilizada para a manutenção de tradições dentro da cultura nordestina? O que é considerado realidade e/ou ficção?

4. Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. **Então se forma a história bonita: relações entre o folheto de cordel e a literatura erudita**. Porto Alegre: Horizontes antropológicos, 2004

_____. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das letras, 1999

ABREU, Márcia Azevedo de. **Cordel Português / Folhetos Nordestinos: confrontos - um estudo histórico comparativo**. Tese de Doutorado, DTL / IEL - UNICAMP, 1993.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

CARVALHO, Gilmar de. **Moisés Matias de Moura**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011

_____. **Cordel, cordão, coração**. Revista do GELNE (UFC), v. 4, p. 285-292, 2002

_____. **Poetas do povo do Piauí: a mídia cordel**. São Paulo: Terceira Margem, 2001

_____. **Madeira Matriz: Cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1999

_____. **Xilogravura: os percursos da criação popular**. Revista Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 39:143-158, 1995

CORNIANI, Fábio. **Afinal, o que é folkcomunicação?** São Bernardo do Campo: Sítio da Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

CURRAN, Mark J. A **Literatura de Cordel: Antes e Agora**. *Hispania*, Vol. 74, No. 3, Culture p. 570-576, 1991

_____. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2003.

DIEGUES, Manuel et al. **Literatura Popular em Verso: estudos**. Editora Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

LEMAIRE, Ria. Pensar o suporte: Resgatar o patrimônio. In: **Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Org: MENDES, Simone. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010

_____. Entre Oralidade e Escrita: as verdades da verdade, In: **Actas do congresso Literaturas marginais**, Porto, Ed. da Universidade do Porto, Portugal: 2008

_____. **Folheto ou literatura de cordel: uma questão de vida ou morte**. In: Anais do XII Congresso de Folclore. Natal: Comissão Nacional de Folclore, 2007.

_____. Rer ler os textos: resgatar as vozes. In FUNK, G. **Estudos sobre Paatrimônio oral**. Câmara Municipal de Ponta Delgada. Açores. 2007

LUYTEN, Joseph Mari. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992

MATOS, Edilene. **Literatura de cordel: poética, corpo e voz**. In: Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido. Org: MENDES, Simone. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009

SANTOS, Francisca. Poética das vozes e da memória. In: **Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Org: MENDES, Simone. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Editora Presença, 1999

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.